



DOIS OBSTÁCULOS DE TRADUÇÃO EM *VÉRA*, NARRATIVA DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

DEUX DIFFICULTÉS DE TRADUCTION DANS *VÉRA*, RÉCIT DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

Laís Marx Umpierre Nunes¹ (FURG)

RESUMO

Desenvolvido no projeto de pesquisa “Literatura Fantástica Francesa e Tradução”, coordenado pela professora Gabriela Jardim da Silva na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), este trabalho expõe algumas das dificuldades de compreensão e/ou de tradução observadas em *Véra* (1874), conto de Auguste Villiers de L'Isle-Adam. Com base nos estudos de Paulo Rónai acerca desse assunto, este trabalho – cuja metodologia é bibliográfica – visa à análise e à reflexão dessas dificuldades do ponto de vista teórico. Quanto à tradução, através do exame das dificuldades concretas, pode-se almejar soluções mais adequadas a essas que podem ser consideradas como verdadeiras barreiras à transposição da língua-fonte à língua-alvo. Quando se traduz uma obra literária, obstáculos de diferentes tipos podem ser encontrados, estes dificultam a compreensão da obra e, conseqüentemente, a sua tradução. Dificuldades distintas foram encontradas na tradução de *Véra*, entretanto, devido às limitações de espaço, serão expostos dois tipos de dificuldades (o decalque e os parônimos), devidamente exemplificados. A tradução de *Véra* proporcionou muitas reflexões, unindo a teoria com a prática em busca das melhores soluções para ultrapassar os obstáculos encontrados. Portanto, é notável que a tradução é uma atividade que exige, além de um vasto conhecimento da língua-fonte, maestria na língua-alvo, atenção e, sobretudo, uma atitude de desconfiança por parte do tradutor para que equívocos possam ser evitados.

Palavras-chave: Literatura Fantástica. Tradução (dificuldades de). Villiers de L'Isle-Adam (Auguste). *Véra* (1874).

RÉSUMÉ

Développé au sein du projet de recherche « *Literatura Fantástica Francesa e tradução* », coordonné par Gabriela Jardim da Silva, professeur à l'Université Fédérale du Rio Grande (FURG), ce travail expose quelques difficultés de compréhension et/ou de traduction observées dans *Véra* (1874), nouvelle d'Auguste Villiers de L'Isle-Adam. Basé sur les études de Paulo Rónai concernant ce sujet, ce travail – dont la méthodologie est bibliographique – vise à l'analyse et à la réflexion de ces difficultés sous l'angle théorique. Quant à la traduction, par le moyen de l'examen des difficultés concrètes, on peut aspirer à des solutions plus adéquates à ces tournures considérées comme des vraies barrières à la transposition de la langue-source à la langue-cible. Lorsque on traduit une œuvre littéraire, des obstacles de différents types peuvent être trouvés, ils rendent difficile la compréhension de l'œuvre et, par conséquent, sa traduction. Des difficultés distinctes ont été rencontrées lors de la traduction de *Véra*, pourtant, en raison de la restriction de l'espace, on exposera deux types de difficultés (le calque et les paronymes), avec des exemples. La traduction de *Véra* a suscité beaucoup de réflexions, en unissant la théorie à la pratique pour dépasser les obstacles trouvés. Il est donc remarquable que la traduction est une activité qui exige, en plus d'une vaste connaissance de la langue-source, la maîtrise de la langue-cible, attention et, surtout, une attitude de méfiance du côté du traducteur afin d'éviter des équivoques.

¹ Graduanda do curso de Letras Português e Francês, é bolsista EPEC/FURG no projeto de pesquisa “Literatura fantástica francesa e tradução”, coordenado pela professora Gabriela Jardim da Silva na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

E-mail: umpierre.lais@gmail.com



Mots-clés : Littérature fantastique. Traduction (difficultés de). Villiers de L'Isle-Adam (Auguste). *Véra* (1874).

1. INTRODUÇÃO

Desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “Literatura Fantástica Francesa e Tradução”, coordenado pela professora Gabriela Jardim da Silva na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e cujos objetivos abrangem (a) o estudo do fantástico como gênero literário e (b) a tradução de algumas narrativas representativas deste gênero com o intuito de difundir-las ao leitor brasileiro, o presente trabalho propõe-se a expor algumas das dificuldades de compreensão e/ou de tradução observadas na transposição de *Véra* (1874), conto de Auguste Villiers de L'Isle-Adam, para o português do Brasil.

Por tratar-se de uma análise das dificuldades de compreensão e/ou de tradução, a metodologia para a realização deste estudo é bibliográfica. Baseado nos estudos de Paulo Rónai acerca desse assunto, este trabalho visa à análise e à reflexão desses problemas do ponto de vista teórico. Quanto à tradução, através do exame das dificuldades concretas, almeja-se soluções mais adequadas a essas que são consideradas como verdadeiras barreiras à transposição da língua-fonte à língua-alvo. Quando se traduz uma obra literária, obstáculos de diferentes tipos podem ser encontrados, estes prejudicam a compreensão da obra e, conseqüentemente, a sua tradução. Vários deles foram identificados na tradução de *Véra*, entretanto, devido às limitações de espaço, neste artigo serão expostos dois tipos de dificuldades: o decalque e os parônimos, devidamente exemplificados.

2. PAULO RÓNAI E AS DIFICULDADES DE TRADUÇÃO

Por empregar principalmente os estudos sobre tradução de Paulo Rónai, faz-se necessária uma breve explanação sobre seu trabalho com base nas informações oferecidas pelo livro *A Tradução técnica e seus problemas* (1983), produzido pela Associação Brasileira de Tradutores, fundada por Rónai.

Nascido na Hungria, aprendeu sozinho a língua portuguesa e, desde a juventude, publicava obras de poetas brasileiros traduzidos por ele mesmo. Fez estudos superiores na Universidade Sorbonne, em Paris, e na antiga Universidade Pázmány Péter (atual Universidade



Eötvös Lóránd), em Budapeste, onde se doutorou em língua e literaturas latina e neolatinas. Devido à sua origem judaica, durante a Segunda Guerra Mundial, foi enviado para um campo de concentração nazista.

No entanto, no ano de 1941, através de contatos com intelectuais brasileiros, conseguiu refúgio no Rio de Janeiro, onde obteve sua naturalização brasileira em 1945. Desde então, Paulo Rónai atuou como escritor, docente de latim e francês e, principalmente, como tradutor, destacando-se por seu trabalho como coordenador de um grupo de tradutores, empenhados na tradução para a língua portuguesa da *Comédie humaine*, obra de Honoré de Balzac composta por quase cem narrativas.

Além da tradução de célebres obras francesas, Rónai também possui uma ampla pesquisa sobre a prática da tradução, com foco nas suas dificuldades, seja no nível da compreensão, seja no nível da tradução da língua-fonte à língua-alvo. Por possuir grande experiência nessa área, ele afirma, em seu *Guia prático da tradução francesa*, que “laços há por toda parte à espera dos desprevenidos, o que torna praticamente impossível a compilação de uma relação completa das dificuldades de tradução” (1989, p. XIII). Mesmo com essa impossibilidade, consta em seus estudos uma vasta compilação de “armadilhas” que conduzem ao erro até mesmo o mais experiente dos tradutores.

Em virtude de sua experiência como tradutor, Rónai foi capaz de observar as faculdades necessárias para um bom tradutor, as quais o pesquisador afirma serem adquiridas somente no decorrer de longa prática:

Enumerando afinal os requisitos do bom tradutor, vou dizê-los, por ordem de importância: bom conhecimento da língua-alvo; idem da língua-fonte; bom senso; boa cultura geral; senso de observação; humildade unida à consciência do próprio valor; paciência; gosto pelo estudo; espírito associativo. (RÓNAI, 1983, p. 14).

Contudo, até mesmo para os mais competentes tradutores, ao longo da tradução de um texto para a língua-alvo, alguns vocábulos ou expressões podem ser completamente opacos, pois, o ato de traduzir, como foi exposto, envolve diversas habilidades e competências que ultrapassam o âmbito linguístico e aumentam o perigo das armadilhas largamente examinadas por Rónai. Por este motivo, seus estudos e reflexões sobre as dificuldades de compreensão e de tradução auxiliaram e fundamentaram este trabalho.



3. AS DIFICULDADES DE COMPREENSÃO E TRADUÇÃO EM *VÉRA*

No decorrer do processo tradutório de uma obra literária, diversos obstáculos são encontrados. Desta forma, faz-se necessária atenção e dedicação do tradutor na pesquisa, visando a soluções para ultrapassá-los. Antes de entrarmos especificamente nas dificuldades de compreensão e tradução identificadas em *Véra*, convém apresentar um breve resumo dessa narrativa para contextualizá-la do ponto de vista da história e da época na qual fora concebida.

Véra apresenta a história do Conde Roger D'Athol, que não aceita a morte prematura de sua amada, Véra. Isolado em uma mansão parisiense na segunda metade do século XIX, Roger passa a levar uma existência insólita ao lado do suposto fantasma de sua bem-amada.

Com o cenário brevemente contextualizado, tornar-se-á mais clara a explanação sobre a tradução do conto de Villiers de l'Isle-Adam sobre o qual repousa este estudo. Antes do empreendimento da tradução, foram feitos estudos sobre as características discursivas, diegéticas e temáticas da narrativa, ampliando, assim, a compreensão da trama, bem como dos recursos estilísticos e formais empregados pelo escritor. Conhecer profundamente o texto que se estava traduzindo facilitou, em diversos momentos, a superar alguns obstáculos e, também, a evitar erros de diversos níveis. Por isso, destaca-se, ter profunda ciência do conteúdo a ser traduzido e, principalmente, apreciá-lo como objeto de trabalho são maneiras favoráveis para começar esta jornada.

Por tratar-se de uma obra do século XIX, as primeiras dificuldades encontradas, tanto no nível da compreensão quanto no nível da tradução, foram aquelas referentes ao léxico, devido à grande quantidade de vocábulos de uso incomum ao leitor do século XXI, bem como de termos e expressões específicos da arquitetura e de objetos da época em questão (mobiliário, vestuário, etc.). A leitura do texto, por mais atenta e qualificada que seja, possibilita, em alguns casos, apenas inferir ou imaginar o sentido de algumas palavras nele contidas. Entretanto, como assinala o teórico húngaro, “compreender aproximadamente um texto não é traduzi-lo. As dificuldades repontam quando começamos a transpô-lo por escrito, tentando interpretar com exatidão cada palavra” (RÓNAI, 1989, p. XI). Logo, torna-se



necessária a pesquisa léxico-semântica em dicionários gerais de língua francesa para compreender plenamente o(s) sentido(s) do vocábulo em estudo e para encontrar a melhor maneira de traduzi-lo para a língua-alvo.

As línguas possuem uma quantidade imensa de armadilhas e, segundo Rónai, “o erro nem sempre é fruto de ignorância. Basta um cochilo, um momento de cansaço, e o profissional de maior tarimba verterá *remarquable* [em português, “notável”] por ‘remarcável’ e *il cria* [em português, “ele gritou”] por ‘ele criou’, ou mesmo por ‘ele cria.’” (1989, p. XIII). Dentre tantos obstáculos confrontados durante a tradução de *Véra*, neste trabalho, são abordados dois tipos que serão devidamente elucidados e exemplificados no contexto da versão em português da narrativa de Villiers de l’Isle-Adam.

3.1 DECALQUE

O primeiro tipo de dificuldade aqui trazido é o decalque que, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, é a “denominação, numa língua, de um objeto ou conceito pela tradução de uma palavra ou expressão de outra língua” (*Houaiss eletrônico*, 2009). Mattoso Câmara Jr., por sua vez, define-o como um “empréstimo” (1984, p. 89), uma maneira simplificada de definir o objeto sobre o qual nos consagramos. Assim, diz-se em outras palavras, o decalque representa uma tentativa de cópia fiel da estrutura da língua-fonte para a língua-alvo, processo suscetível a grandes equívocos e, até mesmo, a contrassensos no escopo da tradução.

No caso específico de *Véra*, a língua-fonte de redação é o francês, que não aceita a anáfora zero - mais conhecida como sujeito oculto - ao contrário da língua-alvo, o português. Desta forma, na tradução elaborada no seio de nosso grupo de pesquisa, ao tomar a língua original como base para a versão em português, em diversos momentos o pronome foi expresso materialmente – e, deste modo, indevidamente – na tradução.

Como a língua-alvo permite a ocultação do sujeito, ao reproduzir precisamente a estrutura da língua-fonte, o excesso de pronomes em posições normalmente ocultas em português brasileiro causa certo estranhamento ao leitor, como no exemplo abaixo:

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

Língua-fonte (francês)		Língua-alvo (português)
« Chancelant, il monta les blancs escaliers qui conduisaient à cette chambre où, le matin même, il avait couché dans un cercueil de velours et enveloppé de violettes, en des flots de batiste, sa dame de volupté » (2015, p. 30)	V1	Vacilante, ele subiu as brancas escadas que conduziam ao quarto onde, naquela mesma manhã, ele deitara em um caixão de veludo e envolvido por violetas, em ondas de cambraia de linho, sua dama de volúpia.
	V2	Vacilante, ele subiu as brancas escadas que conduziam ao quarto onde, naquela mesma manhã, deitara em um caixão de veludo e envolvido por violetas, em ondas de cambraia de linho, sua dama de volúpia.

Quadro 1 – Decalque, exemplo 1

Como se pode notar, na versão em português, torna-se desnecessária a repetição de um referente citado anteriormente, pois, é possível retomá-lo tanto pelo contexto quanto pela flexão do verbo “deitar”. Neste exemplo, há apenas uma repetição, mas, vejamos a seguir outro, onde, em um pequeno trecho, o pronome foi materialmente utilizado de forma excessiva:

Língua-fonte (francês)		Língua-alvo (português)
« Lui , debout, songeur, avec l’unique sentiment d’une tendresse sans espérance, était demeuré là, tout le jour. Sur les six heures, au crépuscule, il était sorti du lieu sacré. En renfermant le sépulcre, il avait arraché de la serrure la clef d’argent, et, se haussant sur la dernière marche du seuil, il l’avait jetée doucement dans l’intérieur du tombeau ». (2015, p. 30)	V1	Ele , no começo, sonhador, com o sentimento único de uma ternura sem esperança, permanecera ali, o dia inteiro. Às seis horas, durante o crepúsculo, ele deixara o local sagrado. Ao fechar a sepultura, ele tirou da fechadura a chave de prata e ao subir o último degrau da soleira, ele a jogou docemente no interior do túmulo.
	V2	Ele, em pé, sonhador, com o sentimento único de uma ternura sem esperança, permanecera ali, o dia inteiro. Às seis horas, durante o crepúsculo, deixara o local sagrado. Ao fechar a sepultura, arrancara da fechadura a chave de prata e, ao subir o último degrau da soleira, jogara-a docemente no interior do túmulo.

Quadro 2 – Decalque, exemplo 2

Observa-se a ocorrência de quatro repetições do pronome no curto excerto acima apresentado, uma para cada ação da personagem, ou seja, a estrutura da versão em português foi transposta tal qual a versão original, mantendo o sujeito pleno. Assim, na versão revisada, apenas o primeiro pronome é mantido como referente dos atos subsequentes do conde d’Athol.



Além da questão do sujeito oculto, outro ponto da língua francesa pode confundir o tradutor inexperiente no momento de traduzir o texto para a língua portuguesa: o tempo verbal *plus-que-parfait*. Este é equivalente, em língua portuguesa, ao mais-que-perfeito, cuja estrutura pode ser expressa de duas formas, uma simples (ex.: eu cantara, tu cantaras, ele cantara, etc.) e uma composta (ex.: eu tinha/havia cantado, tu tinhas/havias cantado, ele tinha/havia cantado, etc.): a primeira forma é utilizada prioritariamente em registros escritos, em situações formais/literárias; a segunda, em situações prioritariamente orais, mas também escritas em registros coloquiais (informais).

A confusão ocorre, pois, no francês, existe apenas a forma composta, construída por um verbo auxiliar, *être* ou *avoir* conjugado no *imparfait* no modo indicativo, e o verbo principal no particípio passado (ex.: il s’était réveillé, elle avait chanté, etc.). Desta forma, a reprodução fiel da estrutura do *plus-que-parfait* da língua-fonte leva-nos a traduzir o verbo por ele expresso através da forma composta do mais-que-perfeito, que é inadequada em certos contextos, como visualizamos no exemplo abaixo:

Língua-fonte (francês)		Língua-alvo (português)
« La Mort, subite, avait foudroyé . La nuit dernière, sa bien-aimée s’était évanouie en des joies si profondes, s’était perdue en de si exquisés étreintes, que son cœur, brisé de délices, avait défailli : ses lèvres s’étaient brusquement mouillées d’une pourpre mortelle. » (2015, p. 30)	V1	A Morte, súbita, tinha fulminado . Na noite passada, sua bem-amada tinha perdido os sentidos em alegrias tão profundas, tinha se perdido em carícias tão deliciosas, que seu coração, estilhaçado de delícias, desfaleceu: seus lábios molharam-se subitamente de um carmesim mortal.
	V2	A Morte, súbita, fulminara . Na noite passada, sua bem-amada perdera os sentidos em alegrias tão profundas, perdera-se em carícias tão deliciosas, que seu coração, partido de delícias, desfalecera: seus lábios molharam-se subitamente de um carmesim mortal.

Quadro 3 – Decalque, exemplo 3

Como é possível observar na primeira versão, a estrutura do francês foi exatamente conservada e, deste modo, manteve o tempo composto. Contudo, este trecho retrata uma narração em registro formal e literário e, assim sendo, faz-se inapropriada a utilização do mais-que-perfeito em sua forma composta, como observado acima. Assim, na segunda versão,



foi adotada a forma simples do tempo verbal em questão, condizente com o contexto e registro.

A escolha entre as duas formas do mais-que-perfeito depende do âmbito em que ele está presente. No caso de um diálogo, por exemplo, independentemente do grau de formalidade, a tendência é a utilização da forma composta desse tempo verbal. Portanto, são necessários atenção e cuidado por parte do tradutor para distinguir quando utilizar uma ou outra estrutura, e não simplesmente traduzir as palavras na disposição em que se apresentam, pois, de acordo com Rónai, “a ordem das palavras na frase é um expediente que entra a compor o sentido. Por isso mesmo, enfileirar simplesmente os equivalentes das palavras do original em qualquer outra língua não será nunca tradução” (RÓNAI, 1983, p. 4).

Em suma do que foi apresentado, reflete-se sobre a impossibilidade da realização de uma tradução literal, palavra por palavra, visto que as mesmas não foram pensadas e redigidas de forma independente, e sim, em um contexto. Uma tradução descontextualizada torna-se um verdadeiro risco para a compreensão de uma obra literária, dessa maneira, lembremos sempre que “o bom tradutor, depois de se inteirar do conteúdo de um enunciado, tenta esquecer as palavras em que ele está expresso, para depois procurar, na sua língua, as palavras exatas em que semelhante ideia seria naturalmente vazada” (RÓNAI, 1976, p. 33).

3.2 PARÔNIMOS

A classe dos parônimos é referente ao fenômeno linguístico que diz respeito a “dois ou mais vocábulos que são quase homônimos, diferenciando-se ligeiramente na grafia e na pronúncia” (*Houaiss eletrônico*, 2009). Para assegurar-nos da plena compreensão da definição apresentada, convém explicitarmos, também, a definição de “homônimo”: “cada uma de duas ou mais palavras de significados diferentes e de grafia idêntica” (*Houaiss eletrônico*, 2009). Em outros termos, trata-se de dois ou mais vocábulos, de origens distintas, às quais o acaso das transformações fonéticas acabou por assemelhar ou igualar em sua pronúncia e, normalmente, também em sua grafia.

Os homônimos não são considerados problemas para os falantes nativos de uma língua, pois, facilmente o interlocutor percebe o sentido ambíguo representado por eles e, no contexto da frase em que estão inseridos, distingue o significado empregado pelo emissor.



Diferentemente destes, os parônimos representam uma armadilha até mesmo na língua vernácula, como “deferir” e “diferir”, “imersir” e “emergir”, “ratificar” e “retificar”. Estes três pares, aliás, “costumam ser confundidos pelos próprios nacionais e são responsáveis por inúmeros erros de tipografia” (RÓNAI, 1983, p. 9), bem como por muitos equívocos de interpretação.

Neste caso, ao visualizar rapidamente uma palavra no texto, o tradutor pode confundir a dupla de vocábulos semelhantes, traduzindo-a de forma equivocada para a língua-alvo. Esta dificuldade surge de diversas maneiras, mas, de acordo com Rónai:

A maioria [dos erros] provém, em última análise, da nossa fé na existência autônoma das palavras e na convicção inconsciente de que cada palavra de uma língua necessariamente corresponde outra noutra língua qualquer. Confirma essa ilusão o recurso constante aos dicionários, onde, por motivos de comodidade prática, os vocábulos se acham em ordem alfabética, soltos de contexto e seguidos de definição. (RÓNAI, 1976, p. 16)

Em uma das situações da tradução em questão, o lapso ocorreu curiosamente pela possibilidade de ambas as palavras serem adequadas ao contexto onde estavam inseridas, como observamos no trecho a seguir:

Língua-fonte (francês)		Língua-alvo (português)
« Lui, debout , songeur, avec l'unique sentiment d'une tendresse sans espérance, était demeuré là, tout le jour ». (2015, p. 30)	V1	Ele, no começo , sonhador, com o sentimento único de uma ternura sem esperança, permanecera ali, todo o dia.
	V2	Ele, em pé , sonhador, com o sentimento único de uma ternura sem esperança, permanecera ali, o dia inteiro.

Quadro 4 – Parônimos, exemplo 1

Neste primeiro exemplo, o par de parônimos são *debout* e *début*, respectivamente, em português, “em pé” e “no começo/início”. Como exposto anteriormente, além da semelhança dos dois vocábulos, no contexto da narrativa, as duas fariam relativamente sentido, fator responsável pelo desliz.

No exemplo abaixo, ocorre a questão abordada por Rónai (1976), onde a palavra foi traduzida de forma autônoma, fora do contexto onde estava inserida:

Língua-fonte (francês)		Língua-alvo (português)
« Quel sourire ils échangèrent !	V1	Que sorriso eles trocaram! Que inefável abrasamento!

10º SEMINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (SELES) | 6º SEMINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA (SELM)
7º SEMINÁRIO NACIONAL E 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:
VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

50 ANOS UPF

Quel ineffable embrassement ! » (2015, p. 32)	V2	Que sorriso eles trocaram! Que inefável beijo !
---	----	--

Quadro 5 – Parônimos, exemplo 2

O par de parônimos acima expresso é *embraser* e *embrasser*, respectivamente, em português, “incendiar” e “beijar”. Nota-se que, em contexto, a confusão na leitura do vocábulo causou uma transposição peculiar. No momento da revisão, ao notar tais deslizos, foi possível refletir sobre o ponto aludido por Rónai: basta um momento de cansaço para que casos como o do exemplo seguinte ocorram:

Língua-fonte (francês)		Língua-alvo (português)
« Sur le lit d’ébène aux colonnes tordues, resté défait, auprès de l’oreiller où la place de la tête adorée et divine était visible encore au milieu des dentelles, il aperçut le mouchoir rougi de gouttes de sang où sa jeune âme avait battu de l’aile un instant ; le piano ouvert, supportant une mélodie inachevée à jamais ;». (2015, p. 31)	V1	Sobre a cama de ébano com colunas retorcidas, conservado desfeito, junto ao travesseiro onde o lugar da cabeça dourada e divina ainda era visível em meio às rendas; ele vislumbrou o lenço corado de gotas de sangue onde sua jovem alma agitou-se por um instante; o piano aberto, sustentando uma melodia jamais acabada;
	V2	Sobre a cama de ébano com colunas retorcidas, conservado desfeito, junto ao travesseiro onde o lugar da cabeça adorada e divina ainda era visível em meio às rendas; ele vislumbrou o lenço corado de gotas de sangue onde sua jovem alma agitara-se por um instante; o piano aberto, sustentando uma melodia jamais acabada;

Quadro 6 – Parônimos, exemplo 3

Neste caso, o par de parônimos é *dorée* e *adorée*, respectivamente, em português, “dourada” e “adorada”. A leitura descuidada fez com que uma letra fosse ignorada, repetindo-se, então, a situação do primeiro exemplo, ou seja, de alguma forma a palavra traduzida de forma equivocada encaixava-se no contexto, referindo-se, talvez, à cor dos cabelos de Véra.

Quando a palavra destoa completamente da situação onde se apresenta, torna-se mais fácil para o tradutor desconfiar do que seus olhos leram. No entanto, em casos como o do exemplo anterior, o vocábulo é traduzido praticamente de forma automática, sem qualquer hesitação. Por este motivo, Rónai recomenda que o tradutor faça sua própria coleção desses pares de palavras, a fim de evitar os perigos representados por elas.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a tradução de uma obra literária, após meses de sua análise, proporciona muitas reflexões e, assim, uma abundante quantidade de situações a serem examinadas, como as que foram abordadas neste artigo, a serem estudadas e pesquisadas. Frente aos obstáculos, foi necessário unir a teoria com a prática, buscar respostas em diversas fontes e ponderar sobre as possibilidades encontradas, intencionando as melhores soluções para ultrapassá-los. Através do acesso à pesquisa de Rónai, conseguimos ter uma visão geral da maioria das armadilhas que podemos encontrar, aumentando, assim, a atenção diante delas.

De acordo com o pesquisador, uma boa tradução não é aquela simplesmente isenta de erros; além de bem realizada, ela deve ser clara e acessível ao público ao qual se destina. Para atingir este objetivo, há apenas uma maneira: um estudo aprofundado da própria língua, aliado à leitura cuidadosa de autores diversos. Portanto, é notável que a tradução é uma atividade que exige, além de um vasto conhecimento da língua original da obra (língua-fonte), maestria na língua cuja versão será realizada (língua-alvo), atenção e, acima de tudo, uma atitude de desconfiança por parte do tradutor, para que equívocos possam ser evitados.

Enfim, diante de tudo o que foi exposto, é possível concluir que esta atividade, além de uma fonte inesgotável de estudos e pesquisas, também é um grande exercício intelectual. Ao traduzir, obrigamo-nos a flexionar nosso modo de pensar para que sejamos capazes de adotar os moldes do pensamento de outrem, completamente diferentes dos nossos, talvez de outras épocas, com realidades opostas, que devemos ser capazes de compreender e transmitir em nossa escrita. Ao encontrarmos problemas, aguçamos a nossa curiosidade em busca de soluções que nos permitam seguir em frente. Assim, despertamos o espírito pesquisador que existe em cada um de nós e, progressivamente, com muito trabalho e experimentação, desenvolvemos nossa prática, almejando sempre o aperfeiçoamento.

REFERÊNCIAS

CAMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.



HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. CD-ROM. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

RÓNAI, Paulo. Problemas gerais da tradução. In: _____. **A tradução técnica e seus problemas**. São Paulo: Álamó, 1983. p. 1–16.

RÓNAI, Paulo. **Guia Prático da Tradução Francesa: relação alfabética dos falsos amigos, homônimos, parônimos, cognatos de gêneros diferentes**. 4ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

VILLIERS DE L'ÎSLE-ADAM, Auguste. **Véra et autres contes cruels**. 3ª ed. Paris: Librairie Générale Française, 2015.